

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

GAZZANEO, Marcello Victório. Marcello Gazzaneo (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 5min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL e COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Marcello Gazzaneo
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Levantamento de dados: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alzira Alves de Abreu; Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 15/12/2008 a 15/12/2008

Duração: 1h 5min

Arquivo digital - áudio: 1; Fita cassete: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Capitalismo e tecnologia no Jornalismo contemporâneo: funções sociais e práticas profissionais", desenvolvido pela Profa. Virginia Fonseca, orientada pela Dra. Alzira Alves de Abreu, dentro do plano de atividades do estágio pós-doutoral, realizado no CPDOC, entre março de 2008 e março de 2009. O principal objetivo do trabalho era refletir sobre a identidade do jornalista contemporâneo. A escolha dos entrevistados se justificou pelo cargo de direção na redação da organização jornalística em que atua, circunscrevendo-se, assim, à categoria de elite da profissão. Ele é sub-editor do caderno Cidades, do Jornal do Brasil.

Temas: Atentados de 11 de setembro (USA); Atividade acadêmica; Educação; Eleições; Eleições presidenciais; Ensino superior; Família; Fernando Collor de Mello; Filiação partidária; Formação acadêmica; Formação profissional; Governo Fernando Collor (1990-1992); Governo José Sarney (1985-1989); História; Impeachment; Impeachment de Collor; Inflação; Jornal do Brasil; Jornalismo; Política; Redemocratização; Rio de Janeiro (cidade); Televisão; Violência;

Sumário

Entrevista: 15.12.2008

Fita 1-A: Origens familiares; formação em Jornalismo na Faculdade Pinheiro Guimarães (1992); longo relato sobre a influência do pai na escolha da profissão; comparação entre o jornalista e o historiador; trajetória profissional: estágio na TVE (1989), Sport Press (1991-1997), Jornal do Brasil (1997), A Notícia, O Dia (1998-2002), Folha de São Paulo.

Fita 1-B: Trajetória profissional: Folha Universal, TV Record (2007), subeditor do Jornal do Brasil (2008); eventos que marcaram sua geração: atentados de 11 de setembro, impeachment de Collor, governo Sarney, inflação, queda do muro de Berlim; fatos que marcaram o jornalismo: cobertura do governo Collor, eleições de 1989, aumento da violência do Rio de Janeiro; longa explicação sobre sua rotina de trabalho; lamenta a existência de jornalistas mal preparados; qualidade da educação nas faculdades de Jornalismo; jornalistas como formadores de opinião; como os fatos viram notícia; interesses empresariais na definição do que é notícia; nova comparação entre jornalistas e historiadores; visão dos novos jornalistas sobre o jornalismo; importância dos jornais como fontes de consulta; explica notícias de interesse público; objetividade jornalística.

Fita 2-A: Ausência de filiação partidária; falta de amor nas relações; amor como meio de transformação; jornalismo como transformador social; necessidade de mudanças no jornalismo.

Entrevista: 15/12/2008

Virginia Fonseca - Começo perguntando sobre local e o ano do teu nascimento, a formação dos teus pais e onde fizeste o curso superior.

Marcello Gazzaneo - Eu nasci em 1966, quatro anos depois do Golpe, aqui no Rio, carioca. O detalhe de eu ter citado quatro anos depois do golpe é porque meu pai, também jornalista, Luiz Mário Gazzaneo, natural de Alagoas, viveu anos em São Paulo, e vive no Rio até hoje, foi do Partido Comunista, teve os direitos cassados, enfim... Minha mãe é paulista, do interior, família humilde e tal. Eu me formei na primeira turma da Faculdade Pinheiro Guimarães, que não é uma faculdade tradicional, continua não sendo tradicional, em Jornalismo, em 1992.

V.F. - E por que te decidiste pelo Jornalismo?

M. G. - Tem dois fatores que eu considero, e sempre falo para todo mundo, inclusive para quem está começando na profissão, para os estagiários. Uma coisa é a paixão que a gente tem que ter pelo que a gente escolheu fazer, pela profissão que a gente escolheu, que uma escolha para a vida toda, não é. Quase sempre é para a vida toda. Esse é o primeiro ponto importante. Aí, meu pai era jornalista e trabalhava no *JB* nos anos 70. Eu pouco via meu pai, porque a rotina de trabalho do jornalista sempre foi aquela coisa absurda, dez, 12 horas por dia... Essa pouca convivência era misturada a muitas reuniões políticas lá em casa. Por meu pai ser do Partido Comunista e tal, nessa época a gente morava no Leblon, num apartamento a uma quadra da praia e tal, de certa forma era um aparelho, como costumavam dizer, servia de base para reuniões, esconderijo, de certa forma era, e se falava muito também sobre jornalismo. Eu era pequeno – naquela época tinha 8 anos por aí, menos – só entendia aquela movimentação toda que de alguma forma me fascinava. Não entendia bulhufas do que estavam discutindo, nem queria saber também. Um dia, num plantão desses de fim de semana, meu pai levou eu e o meu irmão para o *Jornal do Brasil*, naquele prédio da avenida Brasil, num domingo desses de plantão. Resolveu levar a gente e tal. E a gente foi. A redação era no sexto andar, sempre foi, até desativarem lá. Era uma redação monstruosa, enorme, a vista meio que se perdia lá no infinito, era muito grande, e para quem tinha, 6, 7 ou 8 anos, aquela primeira visão era como se fosse a primeira visão que você tem do Maracanã, uma coisa que eu também tive. Sai daquele concreto enorme e a primeira coisa que você vê é aquela coisa verde enorme na sua frente, que é o gramado. Diante daquela redação imensa, com poucas pessoas trabalhando, porque era um plantão, aquilo foi paixão à primeira vista. Aí a coisa foi se tornando, com o tempo, com o amadurecimento, com o crescimento, fui entendendo mais daquela rotina, daquela profissão, do que era, do que se tratava. Na hora da escolha da faculdade, já estava decidido desde muito tempo, desde criança. A outra coisa que é fundamental para eu ter escolhido a profissão é que eu costumo dizer que o jornalista é um historiador diário, é o cara que conta a história das pessoas, de uma cidade, de um estado, de um país, de um lugar, que conta a história da vida, a nossa história. E faz isso diariamente. Nada mais sensacional que a história, que é a toda a formação que a gente traz, toda a bagagem cultural é a história da vida. A nossa pessoal e a do mundo. A gente não pode contar a nossa história, mas conta a dos outros. Eu acho sensacional, acho que a maior tradução do jornalismo é essa. O jornalista é um historiador. E é um historiador, com todas as responsabilidades que isso agrega, que

essa condição agrega. Você ter essa responsabilidade é uma coisa que mexe com as pessoas, mexe muito com o jornalista.

V.F. - Nós vamos voltar a esse assunto – do jornalista como historiador do tempo presente – mas antes eu gostaria que me falasses sobre o teu histórico profissional. Em que lugares e quais funções tu exerceste desde a formatura?

M. G. - Eu tive um primeiro estágio, ainda na faculdade, na TVE, hoje TV Brasil, aqui no Rio. Foi um estágio de quase um ano, eu fazia apuração, que em alguns lugares se chama de escuta também. É ficar ligando para vários órgãos de segurança (defesa civil), para você ver o que está acontecendo na cidade. O cara que faz apuração é o cara que tem que saber o que está acontecendo na cidade e o que for pauta a gente vai cobrir. Eu fazia isso para a TV, não é, que é um pouco diferente do jornal. Fiquei quase um ano lá, isso em 1989. E no meu primeiro dia de trabalho, teve aquela greve geral convocada pelo PT e pelo Lula em março. Depois disso eu fiquei um tempo só estudando, fazendo a faculdade, e em 1991 eu consegui um estágio em uma agência de notícias, que hoje não existe mais, especializada em esporte aqui. Era a única e sempre foi a única agência de notícias especializada em esportes, só fazia esportes – se chamava Sport Press, ali no centro. Ali, entrei como estagiário em 1991, me formei, fui contratado, e saí de lá em 1997, para ir para o *JB*. Minha primeira passagem aqui no *JB*. Em 1997, ainda na avenida Brasil, mas lá também fiquei pouco tempo, porque as condições de trabalho já estavam meio ruins naquela época e tal, e fui para um jornal chamado *A Notícia*, que é do grupo *O Dia*. O antigo *A Notícia*, que estava tendo uma reformulação gráfica, e eu fui fazer esporte. Quando eu vim para o *JB* eu vim fazer Cidade, reportagem de Cidade. Quando eu fui fazer esporte, *O Dia* decidiu acabar com *A Notícia*. O projeto durou cinco meses eu acho, e eu acabei sendo aproveitado pelo jornal *O Dia*, onde fiquei 4 anos, sempre como repórter. Depois desses quatro anos em *O Dia*, saí *do dia* em 2002, voltei para o *JB* de novo, depois saí, fiz alguns frilas para a *Folha de São Paulo*, trabalhei na *Folha Universal*, que é o jornal da igreja [Universal] do bispo Macedo. Da *Folha Universal* voltei para o *JB*, saí, fui fazer produção na TV Record, ano passado, e depois voltei para cá de novo. A produção de TV aqui é muito difícil.

V.F. - Desde quando tu estás aqui, agora nesta última etapa?

M. G. - Desde abril deste ano, e aí já voltei como subeditor.

V.F. - Que eventos, acontecimentos, no Brasil e no mundo, tu achas que marcaram a tua geração?

M. G. - Eu acho que os atentados de 2001 [11 de setembro de 2001], o *impeachment* do Collor, a época que o Brasil começou a retomar a economia e o passado recente a essa retomada da economia, que foi aquela época do Sarney, em que as pessoas eram fiscais do Sarney, do Plano Cruzado, que a inflação era galopante. Essas coisas acho que marcaram. Politicamente, eu acho a minha geração um pouco frustrada. Costumo até dizer que nasci na época errada. Eu acho que essas coisas marcaram. No meu ponto de vista, marcaram. Algumas coisas são meio específicas, em função da formação que eu tive politicamente. Acho que a queda do Muro de Berlim é uma coisa que marcou bastante, o início de um redesenho da Europa, geopolítico, enfim. Essas coisas marcaram bastante.

V.F. - Desde que tu começaste a trabalhar como jornalista, quais são as mudanças marcantes no jornalismo? Os fatos que de uma maneira geral marcaram mudanças no jornalismo brasileiro desde que começaste a trabalhar.

M. G. - Eu acho que a cobertura política do governo Collor foi um fato que mudou um pouco o jornalismo político, que estava meio adormecido em função do fim da ditadura, daquela coisa da repressão. A própria eleição de 1989 acho que mudou muita coisa no jornalismo. As duas coisas se completam, porque na eleição de 1989 nós tivemos o Lula, o Collor. O Lula perdeu, houve de uma certa forma ... comoção seria uma palavra muito forte, uma grande decepção, enfim, e várias notícias de manipulação de resultado, a imprensa foi muito questionada em função daquele debate da TV Globo, que foi editado e tal, apesar de ter sido realmente um desastre mas isso não vem ao caso. Logo depois, aquele mesmo presidente que foi eleito daquela forma, que chegava como uma grande novidade, foi destituído. Acho que esses fatos mudaram bastante coisas no jornalismo. Uma coisa aqui nossa, a crescente violência na cidade, aqui no Rio principalmente, modificou. Eu não diria uma modificação para melhor, mas a ascensão do tráfico, a organização dessas quadrilhas, como a coisa foi tomando forma, principalmente aqui no Rio, o narcotráfico e tal, mudou de alguma forma o jornalismo cotidiano, aqui especificamente do Rio. A gente passou a ter um outro olhar sobre a cobertura policial em função da crescente violência e em função de a imprensa ter mais liberdade de falar sobre violações de direitos humanos, principalmente por parte do Estado, principalmente a polícia. Isso [provocou] um foco completamente diferente do que era uma cobertura policial anterior a isso. No período da ditadura, a cobertura policial era meio... enfim, não é. Com essa crescente violência, com o narcotráfico, a formação dessas facções, essas quadrilhas, mudou de uma certa forma o jornalismo. Essas duas coisas eu vejo como importantes.

V.F. - Como é a tua rotina de trabalho? A que horas começa a trabalhar, quais são exatamente as tuas atividades?

M. G. - A rotina de trabalho do jornalista começa quando ele acorda, e vai ler o jornal. A partir dali ele já tem uma idéia de como o noticiário do dia seguinte pode se encaminhar.

V.F. - A que horas tu lês os jornais do dia?

M. G. - Eu leio de manhã, quando acordo. Eu entro aqui às 11h.

V.F. - Quando chegas aqui, [os jornais] já estão lidos?

M. G. - Não tem como ler todos. Há uma certa deficiência, em casa não dá para você ler todos os jornais, não há como manter assinatura de todos os jornais, tem essa questão financeira da profissão. Eu complemento a leitura dos jornais na redação para fazer a pauta. Aqui no JB, em função da estrutura atual, o esquema de trabalho é um pouquinho diferente dos outros jornais. A gente não tem chefia de reportagem, por exemplo, que todos os jornais têm. Além de comandar a reportagem, determinar quem vai fazer o que, o chefe de reportagem exerce a função, acumulou a função do pauteiro, que sempre foi uma função importantíssima. Pelos modos de produção, as redações foram abandonando, por questões de

estrutura, o que eles chamam de otimizar os processos de trabalho, essas coisas... É uma figura que foi extinta e acho que sempre foi muito importante para o jornal – o pauteiro. Aqui a gente não tem nem o pauteiro, muito menos o chefe de reportagem. Essa função eu exerço como editor e como subeditor. Chego com boa parte dos jornais lida, complemento a leitura e vou fazer a pauta do que vai ser o jornal amanhã, o que vai ser a editoria de Cidade no dia seguinte. Pego sugestões de repórter, sugestões de pauta que são enviadas para o e-mail do jornal, defino uma pauta e sigo para a reunião da manhã. Na reunião da manhã, todas as editorias participam, eu digo o que está previsto para o noticiário da editoria e a gente começa a decidir o que seria a aposta, a matéria principal, a que a gente vai dar mais importância. A gente costuma chamar de a nossa aposta para o dia seguinte. Saio da reunião e volto a conversar com os repórteres. Às vezes alguma sugestão de pauta cai, e eu tenho que voltar aos repórteres para refazer todo o esquema de trabalho, para dar orientações que foram passadas nessa reunião da manhã, dar o encadeamento de cada pauta, o que a gente vai priorizar ou não, e a partir desse segundo encontro com os meus repórteres eu fico sentado, (como a gente aqui também não tem a escuta, o profissional que faz a apuração) olhando os sites, vendo se está acontecendo alguma coisa na cidade, algum factuel forte que a gente tenha que ir, que precise ser coberto, e nesse tempo também vou pegando o retorno dos repórteres, retorno é como está o andamento de cada apuração, de cada pauta. Liguei ou conversei aqui dentro com os repórteres, para ter uma noção de como a matéria está sendo construída e o que a gente avançou a partir da pauta. Com esse retorno, que quase sempre não é definitivo, depende de vários fatores da apuração e tal, eu volto para uma outra reunião, que é onde se decide quais as matérias vão sair no jornal, qual vai ser a manchete do jornal, que é a reunião das cinco [horas]. Nessa reunião, eu digo tudo o que foi feito de cada pauta, o que a gente conseguiu, que tipo de informações a gente vai ter, digo qual a matéria que vai abrir o caderno, que geralmente é a matéria principal para a gente, para o jornal, a matéria em que a gente apostou. Saio dessa reunião, vou riscar o jornal, que aqui eu tenho que fazer o desenho do jornal também, da minha editoria, o espelho está ali definido, as páginas, o espaço que a gente vai ter, quantas páginas e tal, e vou riscar em função do material que foi produzido. Com a página desenhada, eu determino a cada repórter o espaço que ele vai ter. O riscar é onde a gente já começa o fechamento, que é desenhar as páginas, escolher fotos. A partir do momento que os repórteres vão terminando o trabalho, a gente vai dando o fechamento mesmo, que é titular as matérias, dar o sub-título, fazer legendas de foto, a revisão das matérias, porque a gente também não tem redator, quem faz esse trabalho sou eu e o editor.

V.F. - Tu lê todas as matérias?

M. G. - A gente lê e revisa.

V.F. - E diagrama?

M. G. - É. Fecha completamente a página. Ela já está lá pronta, diagramada, não é, o repórter coloca o texto dele no espaço que tem e quando ele libera a matéria, a gente entra para fazer título, legenda, sub-título...

V.F. - A gente quem?

M. G. - Aqui no *JB*, sou eu, o editor, que está de licença, e dois repórteres mais experientes, que ajudam no fechamento. Diagramador tem, eles ficam lá, mas só cuidam do desenho da página. O programa de editoração que a gente tem aqui, a gente bate direto na página, com o desenho dentro. Vai lá e bate a matéria como vai sair no jornal.

V.F. - Qual é o programa que vocês usam?

M. G. - É o GN3. Os jornais têm ainda a figura do redator, alguns, a pessoa que cuida dessa revisão de textos, que ajuda também a titular e tal. Aqui não tem isso, é a gente que faz. É a chefia da editoria que faz isso. Com a ajuda de dois repórteres experientes. A rotina se resume a isso.

V.F. - A que horas vocês fecham a edição?

M. G. - Às 9h30min da noite. Até as 9h30min da noite tudo pode acontecer.

V.F. - Isso dá uma jornada de trabalho de quantas horas?

M. G. - De onze da manhã às dez da noite, fora quando a gente tem que rodar a segunda edição e tal, que aí acaba extrapolando. E na sexta-feira tem o que a gente chama de “pescoção”, que é a produção do jornal de domingo. A gente fecha duas edições. A gente trabalha sábado só em esquema de plantão.

V.F. - Da tua convivência com os jornalistas e com a redação, como tu descreverias o perfil do jornalista que está nas redações dos veículos hoje?

M. G. - Ele é basicamente mal preparado para exercer a profissão de forma correta, com qualidade e profissionalismo.

V.F. - O que falta?

M. G. - Falta formação escolar. A gente tem profissionais que não sabem escrever, não conhecem a língua portuguesa, não têm o hábito da leitura, não conhecem a história do País, do mundo. São profissionais mal formados, em função do sucateamento todo da educação hoje. A educação é muito nivelada. Antigamente a gente tinha universidades boas, que preparavam bons profissionais, hoje não tem mais, não tem. Pelo menos na área específica de jornalismo, você não tem. Às vezes as pessoas vêm me perguntar, esse estagiário é da onde, onde ele está estudando, ah, não é PUC? Não é UFRJ? Então não sei, isso hoje acabou, o nivelamento é por baixo. Eu tenho uma estagiária aqui¹, que não estuda nem na PUC, nem na UFRJ, nem na UFF, nem na UERJ, e é melhor que muito repórter já formado, e é muito melhor que muito estagiário que já passou aqui, que estudava na PUC e tal. Eu acho que o grande problema e é um grande problema do país, e se reflete em tudo, é a qualidade da educação, educação hoje virou comércio, principalmente a de nível universitário. A formação superior é tudo comércio. Você tem uma faculdade em cada esquina. Você não vai ter qualidade de mão de obra para ensinar. A má formação começa lá atrás, na alfabetização. Está tudo errado, vai chegar no último ponto errada. Numa profissão como a nossa é um

¹ Refere-se a uma estagiária que cursa Jornalismo na faculdade CCAA, conhecida pelos cursos de inglês.

desastre você ter pessoas mal formadas. Uma profissão que requer uma habilidade para escrever, para conseguir informação, e requer uma cultura mais ampla possível. Você precisa conhecer história, é chato falar, mas aqui as pessoas perguntam o que era a ARENA. Você não precisa ser jornalista para saber o que era ARENA, eu acho que qualquer pessoa sabe o que era a ARENA, não é. Então, realmente, o ensino está numa situação absurda porque eu acho que se aprende isso em história, não? Eu acho que sim, não é? E você tem pessoas perguntando o que é ARENA! Isso tem um reflexo na qualidade do que é produzido dramático. Eu já passei por grandes jornais e sempre vi isso. Não é uma coisa generalizada, mas é cada vez maior a má formação dos profissionais que chegam à redação. É óbvio que vai existir a peneira do mercado de trabalho, quem é melhor vai sobreviver, mas é triste, porque você vê uma realidade, que não é 100% nas redações – a maioria tem qualidade, a maioria é formada por bons profissionais, claro, a qualidade profissional da imprensa é boa. Eu acho que há ainda uma outra questão, além da formação educacional, que é a formação de caráter. A gente exerce uma profissão que muda a vida das pessoas, muda a história do mundo, muda a história do seu país. A gente exerce uma profissão que tem reflexo direto, e tem capacidade sozinha de fazer isso, há vários exemplos aí de pessoas que foram acusadas sem provas, injustamente, que tiveram a vida completamente destruída, e aí o repórter mal formado, com uma formação de caráter, de ética, de moral, não muito boa, você tem um jornalismo amplamente nocivo, que não leva a lugar nenhum, só a desastres. Essas duas coisas eu tenho visto muito no jornalismo, e principalmente nas pessoas que estão chegando ao mercado de trabalho, o que é lamentável. As pessoas não têm noção do que é a profissão, e eu me pergunto o que essas pessoas aprendem numa faculdade, uma vez que nem isso as pessoas conseguem aprender. As pessoas chegam aqui sem noção do que é a profissão, da responsabilidade que elas vão ter, e sobre o que é a rotina dessa profissão, porque é uma rotina estressante, muito estressante, eu vejo muito isso.

V.F. - Na tua avaliação, o que é um acontecimento jornalístico? O que faz com que um determinado evento, um fato, um acontecimento saia da vala comum dos acontecimentos sem importância para se transformar em notícia?

M. G. - Pergunta difícil. As pessoas podem ter milhões de teorias sobre, mas eu acho o seguinte: o que é informação é o que o repórter vê, o que o repórter acha interessante. Esse é o primeiro grande fator que define o que vai ser uma notícia, é o olhar que o jornalista teve, ali, ao se deparar com aquela informação. Esse primeiro olhar é dele, específico, que não leva em conta outros fatores, só a visão que ele tem da vida, do mundo, e é perigosíssimo porque reza toda essa questão da formação. Esse é o grande fator que define o que é notícia, o olhar do jornalista para o fato em si, para a informação. O segundo, que acaba definindo depois, quase sempre, é o olhar que a empresa em que você trabalha tem sobre o que é notícia, que varia muito, [depende] do interesse de cada empresa, para qual público você está escrevendo.

V.F. - Deve haver um ajustamento entre o olhar do jornalista e a política editorial da empresa.

M. G. - Exatamente. Ajustamento mais ou menos, porque o que acaba definindo mesmo é a política editorial de cada empresa, isso aí não tem dúvida, é sempre questionável, mas... enfim. São as empresas que detém o meio de produção jornalístico e a gente até costuma dizer que o jornalismo acabou em função de um pouco disso. Porque cada vez mais esses interesses definem o que vai ser notícia.

V.F. - Interferência de fatores não jornalísticos, externas à redação jornalística, na definição das políticas editoriais. E o jornalista, essa pessoa responsável por esse primeiro olhar para o que pode se transformar em notícia, que tem toda essa precariedade de formação que acabas de apontar, como tu vêes o papel dele na sociedade, como tu te vêes como jornalista e como tu achas que a sociedade vê o jornalista?

M. G. - Eu vou voltar àquela questão do jornalista como historiador. O grande papel do jornalista é esse – é contar a história. Para contar uma história, você vai levar milhões de fatores em consideração. Contar a história das pessoas, da cidade, do mundo, a partir de uma má formação, é contar uma história equivocada. Eu sempre me vi como um repórter, um profissional, que conta história, sempre me vi com essa coisa de ser um historiador. E sempre tive cuidado, que é básico, ao contar uma história, do olhar que eu posso estar dando a essa história, uma coisa fundamental. Dependendo do olhar que você for dar a essa história, a história pode se modificar, você pode ter uma outra história dentro da história que você tinha. Eu sempre me vi com essa responsabilidade. O que foi determinante, para mim, em cada história que eu contei, é a visão, e a história também, de cada parte envolvida no fato. A visão das pessoas sobre aquilo, como aconteceu, como se deu, para eu poder contar a história mais perto do real possível. Eu sempre tive esses cuidados, que é um cuidado fundamental, que qualquer jornalista tem que ter. Eu não sei, e aí não só por conta dessa má formação cultural e educacional, se todo jornalista, se toda pessoa que quer ser jornalista, tem essa visão do que é o jornalismo. Eu vejo pouco isso. Converso muito, principalmente com quem faz estágio ou está começando a profissão, para tentar ver que visão aquela pessoa tem sobre jornalismo. Qual a importância do papel que ela pode exercer, se ela tem consciência mesmo da responsabilidade que está na mão dela. Eu não vejo muito essa visão que eu tenho – o jornalista como historiador. E não vejo muito também uma preocupação com os fatos. Na verdade, eu vejo uma situação muito, um pouco caótica nesse aspecto.

V.F. - Se fôssemos pensar no jornalista como um historiador do tempo presente, alguém que poderá ter o seu trabalho como fonte de consulta futuramente, para se compreender o que se passou em determinado período histórico, nós poderíamos pensar no jornalista em que termos? Ele é um fiscal do poder público ou privado, é um simples difusor de informações, um provedor de conteúdos...?

M. G. - Eu diria que ele é um historiador. É a função dele. A gente não encontra em livro a história mais recente do País. A principal fonte de consulta são os jornais, as TVs. São as principais fontes de consulta para se contar a história mais recente do país. A gente não vai contar num livro de História essa crise global, essa crise mundial². Também não encontro no livro de História que vai ser utilizado no ano que vem, talvez não encontre ainda, mas vou encontrar nos jornais, com análises, com reportagens aprofundadas sobre o tema, diversas visões... A imprensa tem essa pluralidade, que é boa.

² Refere-se à crise econômica mundial de 2008, desencadeada por problemas no sistema de financiamento imobiliário dos Estados Unidos da América, que levou instituições financeiras à falência com reflexos graves na economia mundial – retração nos investimentos públicos e privados, falência de empresas, desemprego, oscilações no câmbio, etc.

V.F. - E quando tu selecionas as notícias e as fontes, nesse cotidiano de historiar o tempo presente, tu levamos em conta fatores estritamente jornalísticos, ou fatores externos, como, por exemplo, o interesse da audiência, o interesse do público por determinados assuntos? Estou tentando, com isso, tentando contrapor as idéias de interesse público x interesse do público.

M. G. - É muito difícil a gente definir o que é interesse público. É difícil porque é uma questão particular de cada pessoa. Existem pesquisas e tal, eu sempre parto do interesse que eu tenho por aquela notícia, quem não falar isso está mentindo, porque o interesse é sempre de quem está olhando ali. É difícil porque, ah, o leitor que está olhando o jornal não gostaria de ver essa notícia. Eu acho prepotente demais uma informação dessas. É por isso que a formação tem que ser cada vez melhor, e mais ampla, porque eu não posso me deparar com uma notícia e dizer que ela não é interessante para determinado público. Eu não tenho essa capacidade. Tudo bem, de uma forma geral, na média, a gente até consegue equilibrar isso – o interesse do público do *Jornal do Brasil* (que eles chamam de classe A e B), que é bem diferente do que eles chamam de jornal popular... A gente consegue fazer um equilíbrio, no fim em cada edição que produz. Aquilo que está ali seria interessante ou de interesse daquele público. Agora, o que é de interesse público? Existem coisas que são fatos, que não dá para ir contra. Se um governador é flagrado roubando, isso é do interesse público, isso é óbvio, tem que ser publicado em qualquer lugar, isso é interesse público. O cara é um governador, ele define os rumos do lugar onde você mora, onde você tem sua vida, onde seus parentes têm sua vida, onde sua família tem sua vida, onde seus filhos estudam. Você tem o direito de saber disso, você deve saber disso, isso é uma informação de interesse público. O que é diferente do interesse do leitor, a partir do público definido para o qual você vai escrever, isso é difícil dizer. Eu acho difícil, eu sempre – eu já trabalhei em jornal popular, no jornal *O Dia* -, às vezes, tinha determinadas pautas e colegas também tinham determinadas pautas e a gente escutava: ah, o leitor de *O Dia* não quer saber disso... Como? Quem? E você acaba caindo numa estagnação, você não muda esse conceito do que é interesse e do que não é interesse. Que notícia é interessante, que notícia é de interesse público, que notícia é de interesse do leitor específico? A gente acaba criando um padrão e ninguém rompe esse padrão. A gente vê nas edições dos jornais hoje. Se pega os jornais que chamam de mais populares e você vê a página três, a página mais nobre do jornal, a página nobre do jornal, com a história da Ivete Sangalo, que perdeu a criança. Eu pergunto, e aí? Qual o interesse disso? Pobre gosta disso? Pobre só gosta de fofoca? É por isso? Tudo isso é muito questionável. O que é interesse é uma coisa tão particular, de cada um, é como você escolher um livro, um livro que você vai ler. Não tem como definir, “não, não lê essa história, nessa história não há nada interessante para você”.

V.F. - O grupo social formado pelos jornalistas tem alguns valores, que são próprios da profissão. Dentre eles, por exemplo, o de objetividade. O que é para ti objetividade jornalística?

M. G. - É uma coisa que não existe, por incrível que pareça. Objetividade jornalística seria, em termos gerais, o jornalista se ater aos fatos e relatar os fatos e ponto final, da forma mais isenta possível, relatar o que foi dito, da forma como foi dito, o que ele viu ou o que as pessoas contaram, da forma mais objetiva possível.

V.F. - O que, na tua opinião, é inalcançável?

M. G. - Não, eu acho que existe, esse jornalismo isento existe. Ele existe. O jornalista pode mudar isso, mas ele existe. A gente tem como mudar isso, transformar aquela coisa sem essa objetividade. A objetividade é o fato retratado em cima, a gente vai passar a discutir sobre realidade e aí as pessoas têm várias visões sobre a realidade, inclusive sobre um fato que aconteceu e ponto final. [...] Vou dar o exemplo desse PM que foi absolvido, acusado de matar o menino, tem gente que acha, que concorda que realmente ele tinha que ser absolvido, que ele não cometeu um assassinato³. Tem o fato, o fato é que o cara disparou 17 vezes contra um carro, que ele não tinha a menor idéia de quem estava dentro do carro, e nesses disparos mataram um menino. Ele cometeu um crime, ele cometeu um homicídio. Mas tem pessoas que acham que não, que ele não teve a intenção de matar. Mas o fato está ali. E aí? Sempre foi polêmico no jornalismo essa questão da isenção. Eu acho que a objetividade é você contar o fato, ou seja, o PM estava ali numa perseguição, disparou 17 vezes contra um carro no qual ele não sabia se havia alguém, quem estava ali, e nesse tiroteio uma criança morreu. Aí entra uma outra questão sobre objetividade, porque pegando esse exemplo, você imagina, isso envolve tantas outras coisas – como o despreparo da polícia, a violência cada vez mais perto de cada um, sem limite, enfim... Você não pode ter objetividade.

V.F. - Depois dessa conversa toda que a gente teve aqui, para concluir eu te pergunto: nós começamos essa entrevista, tu me dizias ser filho de um jornalista e comunista, e de viver numa casa que era um “aparelho” do Partido Comunista. Eu pergunto: e hoje, tu tens alguma filiação ideológica ou partidária?

M. G. - Não, não tenho. Filiação partidária nunca tive. Idéias, já tive muitas. Nunca tive uma ideologia determinante, com a qual eu achasse que fosse transformar tudo – comunista, ou anarquista, ou capitalista. Depois de tudo o que eu já vivi, é uma coisa meio idealista e tal, eu tenho uma... eu acho que a ideologia hoje... basicamente o que que falta eu acho que é o amor. O amor é como se transforma tudo, se transforma cada vida, se transforma a pessoa, essa pessoa vai transformar outra, uma grande rede vai transformar a sociedade, a forma como as pessoas vivem. É o que falta hoje absurdamente no mundo inteiro. As pessoas esqueceram do amor. O amor hoje, para as pessoas, é homem e mulher. Você ter um companheiro, uma companheira, você casar e formar uma família. E mesmo assim ainda falta amor nessas relações. Falta bastante, é impressionante. O amor não é uma ideologia, mas é uma forma de transformar a vida das pessoas – a sua própria vida e a vida das pessoas. Não é esse amor idealista romântico, não. O amor é a gente ter a visão que a vida é multiracial, é multicolorida, é de pensamentos variáveis, a vida é [inaudível] diferenças. E você só equilibra diferenças com amor. As pessoas não querem saber disso, você começa a falar sobre isso, e acham que você é um idiota, um romântico, e nunca ninguém experimentou isso. Na vida pública mesmo, ninguém nunca experimentou isso, ter essa visão. Ninguém experimentou ter essa visão, de colocar o amor como uma maneira de transformar a vida das pessoas. Já fui comunista, por influência do meu pai, por tudo o que eu vi, por tudo o que eu vivi e por tudo o que eu li também. Mas, está aí, não deu certo, como o capitalismo também não deu certo, enfim... O pensamento humano está estagnado, está lá em 1800, quando Marx escreveu aquelas merdas lá, mas acho que faltou amor até para se colocar em prática isso, esses ideais.

³ Refere-se ao julgamento de um policial militar acusado de matar a tiros o menino João Roberto, que estava no interior de um carro, na companhia da mãe, durante uma perseguição policial numa das ruas do Rio de Janeiro, em 2008.

Não foram colocados em prática com essa visão do que é o amor, do que pode ser o amor, não foram, nem isso. Talvez pudesse ter dado certo, mas não vi ninguém fazendo isso.

V.F. - Há alguma coisa que tu gostarias de acrescentar e que nós não tratamos nesta entrevista

M. G. - Eu gostaria de acrescentar o seguinte. Eu acho que essa profissão é importante, ela tem essa capacidade de mudar a vida, para o bem e para o mal, se você tem essa visão que eu acabei de dar aqui, sobre a responsabilidade e sobre o que pode ser o amor. Eu acho que se for exercida dessa forma, você pode exercer com todos os fatores externos com os quais a gente tem que conviver, você pode inverter isso, ou seja, a gente pode abrir caminhos, para fazer um jornalismo melhor que aquele que a gente faz. Eu digo que o jornalismo acabou porque, enfim, na essência ele acabou, temos poucos exemplos de algumas reportagens que a gente consegue ver a essência do que é o jornalismo, mas esse jornalismo cotidiano, diário, que a gente faz, esse acabou há muito tempo. Eu acho que a gente pode mudar a profissão, só depende de cada um que está aqui, e eu acho que ela deve ser mudada, deve, porque é uma profissão importante, ela pode mudar a história de uma nação. Quando você tem esse poder na mão, você precisa ter uma responsabilidade... e é essa responsabilidade que precisa ser mudada, precisamos ter uma outra visão sobre a responsabilidade que temos diante da profissão que exercemos e do impacto que ela pode causar. A gente precisa de mudança na nossa profissão, não é só na formação profissional, é em tudo. Resumindo é isso, a gente tem que mudar e eu acho que dá para mudar. É isso.

[FIM DA ENTREVISTA]